

O facto de o Mundo hoje se encontrar, sob os pontos de vista estratégico, político e social, nitidamente dividido em dois blocos, hostis um ao outro, explica a razão — dissemos aqui há oito dias — por que a própria política interna dos países que deles fazem parte, dantes determinada exclusiva ou preponderantemente pelos seus respectivos interesses nacionais imediatos, está sendo agora inspirada e orientada de maneira decisiva pela necessidade supranacional da defesa colectiva dos interesses comuns do bloco em questão.

No que diz respeito ao «bloco oriental», a ideia directriz da sua política de segurança colectiva é dada pela doutrina social comunista, de cunho estaliniano, baseada fundamentalmente no programa revolucionário do «Manifesto comunista», publicado por Karl Marx e Friedrich Engels fez agora precisamente cem anos. Mas só fundamentalmente, porque materialista como é, a ideologia primitiva de Karl Marx nega e combate abertamente, como é sabido, todo o lado espiritual da vida e actividade humanas, consideradas quer individual, quer socialmente. O chamado comunismo dialéctico leninista e estaliniano, que hoje oficialmente domina e informa a política do Governo soviético, foi por isso reformado e completado — sobretudo de 1941 para cá — pela consagração prática e activa do tradicional nacionalismo imperial russo, bem como pelo culto não menos potente e activo da velha mística panslavica, isto é, da fé na missão providencial do conjunto dos povos eslavos, como os russos, ucranianos, polacos, checos, iugoslavos, búlgaros, etc.

Do lado do «bloco ocidental» não se pode, a bem dizer, falar ainda de uma única ideia directriz da sua comum acção política supranacional, já que por enquanto a sua crescente hostilidade ou resistência colectiva ao «bloco oriental» é ainda mais de natureza estratégica e oportunista táctica do que de essência ideológica propriamente dita. Todavia, ainda com esta reserva já temos agora pelo menos três indicações muito claras e precisas quanto à sua orientação geral. Com efeito, em Março do ano passado, o Presidente Harry S. Truman proclamou a intenção inabalável do Governo dos Estados Unidos de impedir por todos os meios ao seu alcance a expansão ou propagação do comunismo na América e a usurpação do Poder político, pelos partidos comunistas, nos países não pertencentes ao bloco oposto. É a chamada «doutrina de Truman». Em Junho seguinte, o Secretário de Estado — ou seja, Ministro dos Negócios Estrangeiros — norte-americano, George C. Marshall, pronunciou na Universidade

de Harvard um discurso, convidando os povos da Europa devastada pela guerra a unirem-se todos num esforço solidário de colaboração recíproca, com o fim de vencerem a sua gravíssima crise económica comum, prometendo-lhes, para o efeito, todo o apoio material e político do povo americano. Como se sabe, este convite, que só foi aceite pelas Nações da Europa ocidental, a Turquia e a Grécia, é universalmente conhecido pela designação de «Plano Marshall».

Finalmente, na quinta-feira da semana passada, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, Ernest Bevin, declarou no decurso da importante e significativa exposição sobre a política externa do seu país, que, em vista da persistente atitude negativa do Governo de Moscovo em continuar a colaborar com os seus aliados ocidentais no mesmo espírito de boa-vontade dos anos da guerra, a Inglaterra prontificava-se a promover, da maneira mais eficiente e rápida possível, a solidariedade económica e cooperação política entre as Nações do Ocidente europeu, suas vastíssimas possessões ultramarinas no Continente africano e na Ásia, os países da chamada Liga árabe, etc., com o fim de, todos juntos, formarem uma espécie de «terceira força» entre os dois extremos de Moscovo e de Washington, igualmente rica em recursos naturais e igualmente forte em possibilidades políticas. É o projecto da chamada «União Ocidental».

Escusado é assinalar que, pela sua importância decisiva na evolução da política internacional destes tempos mais chegados, estes três grandes programas: «doutrina de Truman», «plano Marshall» e «União Ocidental» de Bevin, merecem estudo mais profundo e comentários mais pormenorizados. É intenção nossa fazê-los, aos poucos, nestas breves e simplíssimas «Notas», devendo no entanto declarar também pela nossa parte, como a Redacção do «Trabalhador» já o fez no último número, que com estas «Notas» nada mais pretendemos do que informar e expor, com a clareza e a objectividade humanamente possíveis, os condicionamentos e as correntes fundamentais da actual atmosfera política internacional, sem sombra de quaisquer tentativas de proselitismo ou propaganda. Pelo contrário, criados e formados como temos sido desde a idade escolar no espírito social cristão, admitimos e respeitamos em absoluto, neste domínio cada vez mais importante da acção social, todas as atitudes e opiniões divergentes, desde que sejam manifestadas e seguidas de boa-fé e com honestidade de propósitos.

RODOLFO FREDERICO KNAPIC

Uma carta recebida logo após a saída do jornal, diz assim, textualmente:

Amigos

É simpático para nós, os trabalhadores, observar o cabeçalho do vosso jornal. Digo do Vosso e podeis crer que é com mágoa que não digo do Nosso...

Porém, não quero deixar de vos felicitar pela iniciativa, mas como militante operário cumpre-me dizer-vos que, sem análise amigável das várias correntes ideológicas que enchem a mentalidade das classes trabalhadoras, o vosso jornal não pode usar o sugestivo subtítulo de SEMANÁRIO DO POVO.

Como estou pensando que me acusais de comunista, devo esclarecer que sou apenas marxista...

Sauda-vos

José Claro»

Temos pena de que a assinatura deste nosso camarada seja suposta. Poderíamos conversar então mais a preceito, particularmente (e não vinha para o jornal).

Nós pusemos ao nosso jornal o subtítulo de Semanário do Povo porque estamos convencidos de que ele é mesmo do povo. Não será de todo o povo? O nosso objectivo é que o venha ainda a ser.

Ele pertence aos operários que são os autênticos donos dele. Não recebe subsídios de ninguém, nem tem outro dinheiro que lhe não venha dos seus accionistas operários, da venda avulso, dos assinantes e dos anúncios. O jornal continuará assim, ou então cairá de pé! Jornal do povo, ou o povo o sustenta ou morrerá. Isso lho garantimos.

E dada esta explicação, nós, como cristãos-sociais, acreditamos que a salvação da classe operária está na dignificação da pessoa humana do operário, no seu acesso à propriedade pessoal, na sua elevação à direcção e à propriedade das empresas, e à direcção da economia nacional.

Uma nova economia, uma democratização de economia, de preferência a uma ditadura económica ou política. A nós não nos interessa a luta, discutir. Interessa-nos contribuir para a salvação da classe operária, na medida das nossas forças, e todos os homens de boa vontade podem colaborar conosco.

Muito penhorados ficamos com as saudações que nos dirige, e, por nossa vez, desejamos-lhe também muitas prosperidades e um grande espírito de sacrifício em prol do povo.

Um clamor impressionante

De uma carta recebida na Redacção, copiamos:

«Exerço a profissão na indústria vidreira, ou seja «brizilador» de chapa. Fundou-se uma Caixa de Previdência, salvo erro, há cinco anos. Desconto cinco por cento para a mesma, bem como todos os meus colegas, que são muitos. Os patrões, salvo erro, descontam sobre o nosso ordenado oito ou dez por cento para reverter em nosso favor. A Caixa deve ter um fundo de reservas para cima de mil contos. Esta destina-se à reforma aos 61 anos de idade, mas ouço dizer aos meus colegas que já foi passada para os 65 anos.

«Se adoeceremos, por infelicidade nossa, e não pudermos trabalhar durante nove meses, perdemos o direito à miséria das regalias que a Caixa nos dá ou seja metade do ordenado. Que culpa temos nós que a doença nos mortifique 9 meses? Seremos nós que a chamamos? Somos nós que marcamos o tempo para ela se ir embora? E será justo só recebermos metade do ordenado?

«Na minha opinião, acho que devíamos ganhar mais ou, ao menos, o mesmo, pois com a doença vem o médico, os remédios, etc., etc., mas nem a triste metade é segura, pois, se a doença for grande, vai-se embora.

«Agora vamos à reforma. Tenho 36 anos de idade, trabalho na mesma profissão há 23 anos e não tenho conhecimento que nenhum dos meus colegas tenha atingido 55 anos de idade, por o serviço ser violento e sermos obrigados a andar na água, pois todos morrem com menos de 50 anos, e se algum, por acaso, chega a atingi-los, está praticamente impossibilitado do trabalho. Não seria justo que se fossem reformando conforme se fosse verificando que não estão capazes para o trabalho? Não seria justo que, depois de tantos anos de trabalho violento e com os pés na umidade, passássemos algum tempo com um bocadinho de descanso, não por esmola, mas à custa do esforço que a gente fez durante tantos anos? «E todos os que morrem antes de atingir a idade da reforma, para onde vai esse dinheiro? Será restituído à viúva? Virá esse dinheiro ajudar ao sustento e educação dos filhos? Estou convencido que há-de ser assim, mas se não for, creia, sr. Director, que ficarão muitas viúvas e centenas de crianças na miséria.

«Quando temos saúde para trabalhar, queremos esforçar-nos na esperança de que a educação e a vida dos nossos filhos seja melhor do que a nossa, damos-lhes melhor alimentação e nós deixamo-nos levar pela fraqueza, por não chegar o que se ganha para aquilo que a gente aspira na vida — que é o bem-estar dos nossos.

«Fico-lhe muito grato, sr. Director, pela publicação da minha carta, pois a própria amargura e a cruz ser tão pesada me fazem falar desta maneira».

Quem poderá continuar surdo a um apelo escrito assim?

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A segunda carta tem que se lhe diga.

Ela contém uma afirmação grave, mas conhecemos a pessoa que a subcreve, a qual nos garantiu a veracidade do que diz.

Sou beneficiário duma Caixa Sindical.

Como me sentisse mal, piorando de dia para dia, sem saber porquê, consultei o médico da Caixa.

Como piorasse, voltei, sem que nenhum dos médicos especialistas para que me remeteram atinasse com o diagnóstico exacto.

Como consolação, iam-me dizendo que a minha doença é incurável, que qualquer dia ainda havia de piorar mais, que não poderia viver muito mais e que sofreria muito com a doença.

De diagnosticar, nada; de receitar, muito menos, a não ser, de vez em quando, para experimentar.

— Vá aparecendo — diziam-me. E eu aparecia de quando em quando para me auscultarem.

Até que um dia me tirei dos meus cuidados e fui a um médico especialista.

Paquei com escudos pela consulta. Pois bem! Imediatamente o médico localizou a causa do meu padecimento: uma grave infecção que poderia impor uma operação, se não a atacasse a tempo.

Estou, neste momento, a fazer um tratamento caríssimo de penicilina.

A julgar pelo que me sucede, pergunto:

— Para que servem os médicos das Caixas Sindicais?

Não sei se o meu caso é um caso isolado. Sei que estou a descontar para ter assistência médica gratuita e finalmente verifico que de nada me serve.

Não quero duvidar da competência dos médicos especializados que me observaram. Mas os exames são feitos a despachar e o resultado é este que digo. Nos seus consultórios não são tão apressados.

Em resumo, e não masso mais: para mim são uma inutilidade os descontos que semanalmente incidem sobre os meus vencimentos.

E tenho dito.

De V., etc.

Apenas acrescentaremos, em corroboração da carta do nosso leitor, que o seu caso devia sugerir a necessidade duma fiscalização intensa sobre a assistência médica aos doentes que recorrem às Caixas, para impedir as anomalias que aponta — isoladas ou não, pouco interessa.

Está em causa o prestígio da Federação das Caixas.

E outra de incitamento:

Sr. Director

A reaparição do nosso querido jornal encheu-me de júbilo. Não calcula a satisfação que senti ao lê-lo sófregamente e o prazer que de mim se spoderou ao pensar que o operário português tinha enfim o seu jornal.

Creio que V. terá que enfrentar sérias dificuldades, para manter firme a nobre jornada que iniciou. Os escolhos serão muitos, a adversidade trabalha na sombra e quase sempre ataca à traição, escondendo num gesto de covardia a adaga com que feriu num ímpeto de rancor, mas... nada de desânimo, sr. Director. Tem V. o apoio de todo o operário digno deste nome. Combata V. pelo seu bem-estar que mesmo nas horas mais angustiosas e amargas, ele saberá, num gesto nobre e de retribuição justa, ampará-lo e encorajá-lo, para que «O Trabalhador» seja o seu guia a encaminhá-lo para que enverede sempre pelo caminho do dever e da honestidade sem mancha.

Desejando-lhe do coração longa vida a «O Trabalhador»

Creia-me sempre afectuosamente

ANIBAL DE GAIA

De um leitor do Porto:

«Há três meses que aqui no Porto a Caixa de Previdência dos Profissionais do Comércio não paga o abono de família a muitos beneficiários antigos que continuam a fazer com toda a regularidade os respectivos descontos. Já se verificou um desfalque, na sede, em Lisboa, por viciação de cheques. Terá havido outro?

Desde 1945 que nem contribuintes nem beneficiários souberam mais das contas daquela instituição. Não há contas nem satisfações a dar a contribuintes e beneficiários. Nem admira, etc.

O que nos conta este camarada é realmente muito grave e merece ser levado à consideração das entidades responsáveis. Destas colunas o fazemos, com tanta mais energia, quanto é certo que a reclamação já vem de longe e de muitos. É tempo de se dar satisfação a uma classe numerosa que está alarmada com o que se tem passado com esta Caixa de Previdência.

///

Um leitor residente no Estoril, tendo colhido a impressão de que nos dirigimos exclusivamente aos operários manuais, escreveu-nos uma carta de que extraímos o seguinte período:

«Como no n.º 1 não se referiram a todas as categorias de trabalhadores, mas por outro lado me pareceram bons combatentes, pergunto: — O facto de omitirem os intelectuais ou mesmo os que, possuindo uma relativa cultura, se dedicam às boas leituras, significa que estes e aqueles não são considerados pelos Senhores — trabalhadores como os outros?»

Em nosso critério, são trabalhadores todos os indivíduos que se encontram ligados por um contrato de trabalho, todos os que prestam serviços ou exercem uma função em troca dum salário ou ordenado. Mas vamos mais longe, pois que temos igualmente o pensamento posto em todos os que no meio de dificuldades económicas lutam pela vida trabalhando de cara direita.

DE UM OPERÁRIO A OUTRO OPERÁRIO

Encontro-te em toda a parte, com o maior agrado, na tua posição nobre de obreiro cumpridor e seguro no dever. Olho-te e observo-te com simpatia. Interessa-me o teu dia a dia, as tuas preocupações, filhas da tua responsabilidade de homem que se prepara para a vida ou alcançou já o lugar de chefe da pequena sociedade que é o Lar.

Solteiro ou casado, novo ou já sob o peso dos anos, és um valor, tens deveres e direitos.

Quero conversar contigo semanalmente aqui neste cantinho. Não me move qualquer pretensão a fazer discursos, a sentenciador ou a moralista. Será um conversar de amigo, como se estivéssemos ao lado um do outro, em dia de folga, num passeio pela estrada da tua aldeia, na avenida da tua vila ou cidade, ou a espreitar o sol, nestes dias de frio, a um recanto da tua residência.

A vida é feita de pequenas coisas, tal como a parede é composta de variadas pedras. O nosso camarada que se dedica àquele trabalho conhece os cuidados para erguer, alinhadas, as pedras todas, capazes de resistirem às tempestades batidas de todos os lados. Também a nossa vida exige nívelamento, ordem, disciplina para resistir aos ventos maus que a sopram sem piedade.

Distingo claramente as tuas ansiedades: És novo, alimenta-te o sonho de vives a ter junto de ti a companheira fiel, dedicada e amorosa a que tens direito, a qual, já eleita no teu coração ou ainda apenas no pensamento, deves esforçar-te por merecer. Há tanta coisa, naquele aspecto, a pedir um conselho, uma palavra amiga!

Se és casado, outro é o ambiente em que vives, outros são os deveres e as responsabilidades, que fazem de ti um homem em todo o sentido, e, por obrigação, um chefe e um educador.

Tanto que temos a dizer sobre aquela missão honrosa de marido e pai!

Este nosso encontro quer ser presença e estímulo, falar de amigo e irmão, perfeitamente identificado no propósito do nosso jornal em acariar e defender as nossas coisas, tudo quanto respeita às pessoas dos que trabalham, — o indivíduo e a família.

Sim, falar de amigo e irmão há-de ser este encontro aqui todas as semanas!

PAULO DA CRUZ